

### 3 Notícias do campo



Foto 1: criança no salão da biblioteca do Hospital Curupaiti.

No início de 2006, numa das reuniões de estudo e orientação do GRUPEM, ficamos sabendo, por meio de nossa coordenadora, que um grupo de aproximadamente 25 crianças, com idades variando entre 08 e 13 anos, participava de uma série de atividades semanais de acompanhamento e reforço escolar numa biblioteca instalada nas dependências do antigo Hospital Colônia Curupaiti, hoje Instituto Estadual de Dermatologia Sanitária, localizado em Jacarepaguá (Zona Oeste do Rio de Janeiro). Como parte de sua atuação na comunidade, o Hospital realiza acompanhamento médico e psicossocial de crianças das comunidades vizinhas. São comunidades de baixa renda, em processo de favelização, fronteiriças aos limites do hospital.

Algumas das crianças são descendentes de ex-internos e residem nas vilas remanescentes do período de isolamento a que seus pais, avós e bisavós estiveram submetidos como portadores da hanseníase. Todas as crianças, exceto uma delas, estão matriculadas em escolas da rede municipal de ensino da Cidade do Rio de Janeiro.

Uma das atividades ali desenvolvidas, “**A hora do conto**”, consiste na contação de histórias e eventuais exibições de filmes infantis. O GRUPEM foi procurado, à época, pela psicóloga que orientava e acompanhava esse grupo de crianças e que se mostrava preocupada com o que ela identificava como sendo “dificuldades para compreender os filmes a que assistiam”, o que se manifestaria, segundo ela, na dispersão e confusões geradas durante as exibições e na impossibilidade de relatar o que haviam visto. O fato de a maioria dessas crianças desconhecer a experiência de espectador numa sala de projeção até agosto de 2006, quando iniciamos nosso trabalho de pesquisa junto a elas, nos era sugerido, também, como uma possível hipótese explicativa para tais dificuldades. Diante desse quadro, o GRUPEM decidiu-se pela aproximação com essas crianças, visando melhor compreender o que estava em jogo nos processos de significação e mediação levados a termo por elas no contato com produções audiovisuais. Meu estudo em particular pretende aproximar-se desses prováveis atravessamentos que organizariam as possíveis narrativas, significações e mediações diante das produções cinematográficas direcionadas a crianças, que passamos a exibir em tela grande, na biblioteca do Hospital, assim como das idas delas as salas de projeção.

### **3.1 Os primeiros passos**

Como já foi dito, os primeiros contatos com o grupo de crianças que viria a ser sujeito do estudo aqui relatado ocorreram em agosto de 2006. Vale ressaltar que ao falar de “grupo de crianças sujeitos da pesquisa” não necessariamente se está falando das mesmas crianças acompanhando, todo o tempo, a maioria absoluta das etapas da pesquisa. Com base nas listas de presença dos encontros na biblioteca e das idas ao cinema é possível constatar que oitenta e três crianças estiveram presentes, ao menos uma vez, em alguma de nossas atividades. Desse total, cerca de dez

crianças têm-se <sup>1</sup>constituído enquanto grupo desde o início e se mantido mais ou menos constante ao longo desse período. Esse número alcança a marca de vinte crianças se levarmos em conta o grupo que tem estado presente em mais da metade das atividades desenvolvidas ao longo desse período. As crianças que estiveram presentes a mais da metade das atividades desenvolvidas foram as seguintes:

<b>Nome - idade</b>	<b><sup>2</sup>Sessões de visualização</b>	<b><sup>3</sup>Oficinas e dinâmicas</b>	<b><sup>4</sup>Idas ao cinema</b>
1. Carlos Alberto - 12	07	05	05
2. Cyntia - 12	06	04	05
3. Samuel - 10	05	04	04
4. Yago - 12	07	05	05
5. Richard - 08	05	06	04
6. Ruan - 13	05	04	04
7. Keila - 09	04	04	04
8. Welington - 13	08	06	05
9. Carlos Fabiano - 9	06	04	05
10. Alan - 12	05	05	04
11. Taíssa - 11	04	04	03
12. Jonatan - 08	06	05	04
13. Maiara - 13	08	05	05
14. Carol - 08	07	06	04
15. Erick - 09	06	05	03
16. Renan - 08	05	04	03
17. Marcela - 10	05	04	04
18. Luis Felipe - 09	06	04	04
19. Daniel - 08	06	05	03
20. Lucas - 10	04	04	03
21. João Pedro - 09	07	05	04
22. Romário - 12	04	04	03
23. Jéferson - 13	05	05	03
24. Gabriel - 10	07	06	04

<sup>1</sup> Apesar desta etapa do estudo estar em fase de conclusão, o trabalho de campo com as crianças deve continuar até agosto de 2008.

<sup>2</sup> N° de sessões de visualização: 08 sessões

<sup>3</sup> N° de oficinas e dinâmicas: 07

<sup>4</sup> N° de idas ao cinema: 05

Nos últimos dez meses estive, quinzenalmente, em contato com essas crianças, na maioria das vezes com a parceria de outros integrantes do GRUPEM na execução das atividades propostas, nas idas a sala de cinema, nas sessões de visualização realizadas na biblioteca, incluindo exibições de filmes e conversas posteriores sobre o que foi visualizado, assim como nas dinâmicas que intercalavam essas diferentes formas de contato com as narrativas audiovisuais.

Sabendo dos riscos implícitos em descrições desse tipo, procurarei apresentar, daqui por diante, o conjunto de situações vivenciadas no trabalho de campo e, posteriormente, reflexões sobre a natureza desse trabalho e sobre os achados que foram emergindo dele. A apresentação da empiria coletada está organizada em três grandes blocos relativos às sessões de visualização ocorridas na biblioteca do hospital, as idas ao cinema e as oficinas e dinâmicas realizadas entre as sessões de visualização e as idas ao cinema.

Impactados com a afirmação feita pela psicóloga que trabalhava com aquele grupo no início da pesquisa, dando conta de que as crianças não entendiam o que viam nas exibições feitas na própria biblioteca de Curupaiti porque nunca tinham ido ao cinema, o GRUPEM organizou a primeira ida ao cinema, para que pudessemos melhor considerar essa hipótese. Naquela ocasião fretamos um micro-ônibus e uma van para que um grupo numeroso, em torno de trinta crianças, pudesse ir ao Cine Santa Teresa, cujo responsável havia-se disposto a fazer uma exibição gratuita, para elas, de um filme infantil. Ficou a cargo da assistente social que os acompanhava definir o que seria exibido naquela ocasião. A nós caberia apenas a observação daquelas crianças no ambiente da sala escura e devidamente sonorizada.

O filme exibido chamava-se *O amigo invisível* (BRA, Maria Letícia, 2005). Trata-se de uma ficção, ambientada no Brasil dos anos cinquenta, que toma como pano de fundo o quadro político turbulento daquele período e conta a vida de uma menina de oito anos que imagina ter um amigo que só ela pode ver. Essa amizade é

vista com estranheza pela família. Com seu amadurecimento, ela fica sabendo que o amigo só existe em seu pensamento.

Considerando-se as expectativas, minhas e dos demais integrantes do GRUPEM ali presentes, a exibição constituiu-se numa grande ‘fracasso’.

Crianças corriam por toda a sala, brigando, gritando, atirando pipoca umas nas outras, entre outras coisas. Tudo isso intercalado por breves momentos de atenção ou concentração diante do filme exibido que, muitas das vezes, atingia a quase totalidade do grupo. Essa experiência, ainda que negativamente avaliada pelos integrantes do GRUPEM, se constituiu como uma lembrança recorrente das crianças, mencionada por elas sempre que convidadas a falar dos filmes que assistiram no decorrer da pesquisa.

A partir daí, decidimos escolher nós mesmos os filmes que seriam exibidos para elas durante o trabalho de campo, adotando como critério para a seleção a diversidade de nacionalidades, línguas e culturas. Também a possibilidade de pôr aquelas crianças em contato com produções que, de alguma forma, se distanciassem do “padrão Disney” de produções audiovisuais parecia ser algo significativo. Isso porque, no início de minha pesquisa, estávamos todos convencidos de que o contato com uma filmografia diversificada implicaria um melhor entendimento das possíveis mediações estabelecidas pelas crianças, a partir do contato com o cinema, nos processos de significação com o que estava à sua volta.

As idas ao cinema eram intercaladas com sessões de visualização ocorridas na própria biblioteca do Hospital; também era lá que aconteciam as oficinas e atividades que nos permitiam melhor compreender o impacto que as sessões de cinema eventualmente poderiam ter provocado. Em algumas dessas sessões estão destacadas situações, diálogos ou falas que considero de maior significado. Conforme se iam sucedendo as sessões de visualização, as idas ao cinema e as oficinas na biblioteca do hospital, percebemos a recorrência de alguns padrões de comportamento. Quando fazíamos exposições no espaço da biblioteca, assim que

surgia a tela azul na parede, as crianças quase sempre iniciavam a brincadeira com sombras. Em algumas ocasiões, antes da exibição, mostramos fotos digitais que fizemos delas [fotografias tiradas em nossos encontros e idas ao cinema, além do cotidiano da biblioteca] ou algumas das videograções de atividades realizadas anteriormente. Nessas ocasiões, quando apareciam as primeiras imagens a interação com a tela era imediata. Quando surgiam imagens, em close, de crianças trocando dentição havia um frenesi entre elas. As crianças identificavam os locais em que estiveram com facilidade, apesar da pouca luz em algumas fotos.

No início da exibição há quase sempre uma agitação entre elas que, logo nas primeiras imagens, dá lugar ao ‘clima de exibição’. Algumas crianças parecem acompanhar a trilha sonora em momentos de maior suspense, inventando palavras e sons.

### **3.2 As sessões de visualização**

**24.08.2006**

**Viagem de Chihiro - (Japão. Hayao Miyazaki 2001)**

Perdidos em uma viagem de mudança, Chihiro e seus pais acabam descobrindo uma misteriosa passagem que os leva até um mundo mágico. É lá que a jovem Chihiro precisará enfrentar uma jornada heróica para salvar seus pais, que foram transformados em porcos. Vencedor do Oscar de Melhor Filme de Animação.

O primeiro filme exibido para as crianças na própria biblioteca, com o auxílio de um projetor multimídia, foi *Viagem de Chihiro*. Antes da projeção foram exibidas imagens da ida das crianças ao cinema e delas na biblioteca do Hospital. Inicialmente, o ato de reconhecer a si e aos demais na tela grande pareceu capturar amplamente as atenções. À medida que as imagens se repetem, as crianças passam a brincar com as sombras que se formam na parede. Isso as mobiliza intensamente e será uma constante ao longo da maioria das sessões de visualização ocorridas na biblioteca do Hospital.

Pouco depois, tem início a exibição do filme programado e a concentração das crianças é grande. Algumas especulam sobre o sistema ótico que torna possível a projeção. Fazem isso olhando para trás e apontando para o ponto luminoso de origem. Eu estava sentado entre elas, buscando ouvir e observar o que diziam e faziam.

- Todos são fantasmas...

- Menos ela.

[Por ocasião da cena em que Chihiro foge dos fantasmas e é alcançada pelo herói]

Após 20 minutos de exibição, é possível ouvir alguns ruídos, mas, logo em seguida, a audiência concentra-se novamente na projeção.

Um olhar interrogativo, curioso, parece expresso nos olhares trocados entre as crianças que assistem ao filme<sup>5</sup>. Passados pouco mais de 30 minutos, a concentração oscila novamente, com um ou outro comentário em voz alta sobre acontecimentos do filme sem comprometer a exibição.

Minha presença no meio das crianças é motivo de curiosidade. Quando um garoto(a) olha para trás pode ser acompanhado por outras crianças nesse movimento. Quando sou eu quem o faço, imediatamente as crianças que estão à minha volta viram-se para trás. Decorridos sessenta minutos do início da sessão, a audiência tem níveis ótimos. Quando alcança a marca dos noventa minutos, os ruídos são em maior intensidade, mas sem comprometer a exibição. Uma criança me pergunta se pode ir ao banheiro e eu respondo que sim.

---

<sup>5</sup> A biblioteca do Hospital de Dermatologia é um espaço amplo, de cerca de quase 20 metros quadrados, com janelas de esquadria de alumínio e vidro, cobertas com cartolina preta. A projeção é feita na parte dos fundos da sala, com cerca de cinco metros quadrados. A entrada da sala é guardada por uma porta de ferro, parecida com um portão, com grades, pela qual passa muita luz; por essa razão a equipe que atende as crianças colocou em frente desse portão de ferro, do lado de dentro da sala, uma espécie de cortina, preta, para tornar a sala mais escura para a exibição de filmes. As crianças sentam-se em cadeiras escolares, de madeira, bastante desconfortáveis para se permanecer por duas horas, tempo que, em geral, dura a exibição dos filmes. Ainda assim, permanecem quietas, silenciosas, concentradas, olhos e ouvidos integralmente voltados para a projeção na maior parte do tempo.

Viagem de Chihiro tem, aproximadamente, cento e vinte minutos de duração, muito tempo para as condições de acomodação em que nos encontrávamos. Mas elas permanecem ali, quietas e atentas a cada novo acontecimento do filme. Aos cento e cinco minutos uma criança que está à minha frente diz:

- Acaba, acaba!

Um grupo de seis crianças sai da sala para retornar logo em seguida. É perceptível uma certa agitação que se traduz em movimentação pela sala. Há conversas entre as crianças. Ainda assim sem prejuízo na exibição, que segue sendo acompanhada pela maioria. Nesse contexto ouvi o seguinte comentário:

- Eu vi vocês dois lá! [Referência a seqüência de fotos exibidas antes do início da sessão]

Decorridos cento e dez minutos do início da exibição a totalidade dos que iniciaram a sessão continua na sala, num estado de vigília que contraria totalmente minhas expectativas iniciais. Novamente, posso ouvir falas sobre o que se passa na tela:

- Ela vai acertar [cena em que Chihiro é desafiada a identificar seus pais entre dezenas de porcos. Chihiro acerta e alguns se entreolham, como que confirmando suas hipóteses]

Estamos nos instantes finais e a audiência parece curiosa quanto ao final do filme. Quando dos primeiros créditos ouvem-se palmas 'ralas'. É a 'hora da pipoca', prática que sinaliza o fim de cada sessão na biblioteca do Hospital. Formam-se grupos que, enquanto comem, conversam. Quando perguntados se gostaram do filme ouve-se um coro:

- Muito bom, muito bom, muito bom!

- Alguém conhecia? [Rosana, psicóloga da instituição]

- Eu conhecia! [uma criança responde que sim] Agora todas as crianças comem pipoca e bebem refrigerante. Logo em seguida se dispersam e vão embora.

**26.10.2006**

**Série Juro que vi**

**O Curupira (BRA. Humberto Avelar, 2003)**

**O Boto (BRA. Humberto Avelar, 2005)**

**Iara (BRA. Sergio Glenes, 2005)**

Produção - MULTIRIO (Empresa de Múltiplos da Prefeitura do Rio de Janeiro).

Lendas brasileiras recontadas sob a ótica das crianças, no formato de animação e finalizadas em película. Ambos os curtas vêm sendo destacados com importantes prêmios nacionais e internacionais.



Foti 2 – Sessão de visualização

Ao final das exposições, a equipe de pesquisa propôs atividades que pudessem ajudar a identificar a percepção que as crianças tiveram do filme e o modo como lidam com o conteúdo do mesmo. Estas atividades consistiam, basicamente, em desenhar as partes do filme que a criança mais gostou. Eventualmente, elas colocavam alguma legenda sob os desenhos, mas na maioria das vezes elas apenas desenhavam.

Nessa ocasião foi possível perceber que a maioria daquelas crianças tinha um domínio muito elementar em termos de escrita e leitura. Poucas conseguiam escrever alguma coisa sob seus desenhos, ainda assim o faziam com poucas palavras. Ao perceber isso abandonamos

logo de início a estratégia do registro escrito, optando eventualmente pelo desenho.

**23.11.2006**

**Couro de gato (BRA. Joaquim Pedro de Andrade, 1960)**

Episódio do longa-metragem *Cinco Vezes Favela* (1963). Às vésperas do carnaval, garotos de uma favela roubam gatos para fabricantes de tamborins. Exercício de realismo lírico, síntese de ficção e documentário, o filme narra o amor de um menino por um angorá e seu dilema ao ter que vender o bichano. Foi considerado pelo Festival de Clermont-Ferrand, na França, como um dos cem melhores curtas dos últimos tempos e recebeu o Prêmio de Qualidade da Comissão de Auxílio à Indústria Cinematográfica do Rio de Janeiro (CAIC).

**23.11.2006**

**Bilú e João (BRA/ITA. Kátia Lund, 2005)**

O curta-metragem é parte do filme *Crianças Invisíveis*. O curta acompanha duas crianças pobres em São Paulo, na sua busca por alguns reais para comprar tijolos. Pedir ou roubar não é dado como possibilidade, e isso introduz as crianças em uma complexa circulação pela cidade e também em uma cadeia de produção e trocas econômicas. O filme se passa em um dia e uma noite sem levar a nenhum lugar especial e sem nenhum grande evento.

Após reunião do GRUPEM, decidiu-se pela exibição de dois filmes com temáticas semelhantes, no caso crianças pobres das periferias brasileiras.

A idéia inicial era perceber se a exibição de filmes produzidos a partir de um contexto social aparentemente familiar ao daquelas crianças produziria algum impacto ou associação especial com o que era cotidianamente vivenciado por elas. Optou-se, então, pela exibição de “Couro de gato” e “Bilú e João” Durante a exibição de “Bilú e João” o nível de concentração é quase absoluto. Praticamente não se vê desvio nos olhares sempre atentos diante da trama.

A certa altura, duas crianças simulam os mesmos movimentos do protagonista que se diverte numa máquina de videogame. As duas crianças simulam jogar o mesmo jogo, fingindo pilotar o carro de fórmula 1 que aparece na tela. Quando “Couro de gato” é exibido, a primeira reação das crianças é acompanhar com as mãos a marcação do som de um pandeiro que abre a trilha sonora do filme. Ao

contrário do que ocorre durante a exibição de “Bilú e João” há um certo grau de dispersão, mas sem comprometer a sessão.

Durante a exibição desses dois filmes, algumas cenas parecem capturar a atenção das crianças de forma mais intensa. Isso se traduz num absoluto silêncio durante essas cenas. Numa delas, as crianças expressam repulsa diante da cena em que uma das crianças come frutas retiradas do lixo (“Couro de gato”). Outra cena que captura a audiência é a que mostra uma perseguição generalizada em “Couro de gato”.

**07.12.2006**

**A Velha a Fiar (BRA. Humberto Mauro, 1964)**

Filme ilustra de forma bem humorada a tradicional canção popular sobre o ciclo da vida.

Essa sessão de visualização teve pouca participação das crianças. A todo momento elas se levantavam e saíam do espaço de exibição. Enquanto o filme era exibido muitas delas conversavam entre si.

Ao final da exibição havia poucas crianças sentadas assistindo, a maioria delas estava na sala ao lado desenhando e brincando. Durante as sessões eu estava sempre posicionado próximo à elas, visando registrar alguma coisa que me parecesse significativa. Nesse dia praticamente nada foi dito sobre o que se viu. Num certo sentido, era como se ‘nada tivesse acontecido ali’. Após a exibição foi possível registrar o seguinte diálogo entre duas delas:

- Alguém já viu esse filme?
- Eu vi
- E você viu aonde?
- Eu vi na TVE

**09.05.07**

**As Bicicletas de Belleville (FRA/CAN/BEL. Sylvain Chomet, 2003)**

É a história de um garotinho triste chamado Champion que é adotado por sua avó, Madame Souza. Ela descobre por acaso que o menino tem um grande interesse por bicicletas, e lhe dá uma de presente. Tudo vai bem, e com o passar dos anos, Madame submeta o neto a um treinamento rigoroso, até o dia

em que Champion se torna um grande ciclista, a ponto de participar da competição Tour de France. Mas durante a corrida, o rapaz e outros ciclistas são seqüestrados por dois misteriosos homens de preto.

Nesse caso, a possibilidade de mostrar um filme que, em seu formato e temática, distanciava-se bastante do “padrão Disney” foi o que determinou a escolha. Trata-se de um filme com diálogos e planos seqüências bastante longos, com os quais a maioria das crianças não estava acostumada. Curiosamente e contrariando as expectativas do GRUPEM a recepção a esse filme foi bastante boa, embora não tenha produzido registros significativos após sua exibição. Novamente, a impressão de que ‘nada acontecera’ parecia dar a tônica entre as crianças. Elas mantiveram-se sentadas e atentas a tela, mas ao final da exibição diziam não ter nada a comentar sobre o que acabavam de ver.

**16.05.07**

***Príncipes e Princesas (FRA. Michel Ocelot,1999)***

Neste filme, Ocelot opta por uma série de pequenos contos, fábulas mesmo. Utiliza-se da construção visual do teatro de sombras, na qual os personagens e cenários são apenas delineados por uma luz que vem de trás. Cada cena se passa numa época completamente diferente - desde o Egito antigo até o futuro. Em nenhuma delas há a lição de moral fácil, ou a divisão entre bons e maus.

Essa exibição surge a partir de discussões no GRUPEM sobre a recorrência das brincadeiras com sombras que as crianças levavam a termo antes do início ou após o término das exibições ocorridas na biblioteca. Levantou-se, então, a hipótese de que, após assistirem a um filme baseado em técnicas de animação com sombras, as crianças demonstrariam interesse em conhecer melhor essa técnica. A essa altura da pesquisa discutíamos, também, sobre o papel jogado pelo conhecimento técnico nos processos de significação dos filmes que viam. Importava, naquele momento, a hipótese de que conhecer um pouco mais sobre como se produz um filme implicaria uma forma qualitativamente distinta de produzir significado diante do que tinha sido visto até então.

**04.07.07****A chave mágica (EUA. Frank Oz, 1995)**

Entre os diversos presentes que um garoto ganha ao fazer 9 anos estavam dois sem muita importância: um pequeno armário e um índio de plástico. Mas quando uma antiga chave é usada para fechar o armário o índio ganha vida, provocando situações inimagináveis.

Assim que a exibição começa, algumas crianças afirmam já ter visto o filme em questão. São rapidamente advertidas pelas demais para que não contem o filme para aquelas que ainda não assistiram.

Com cerca de 55 minutos de exibição, o áudio de dois personagens que dialogam entre si sai por caixas de som (canais) diferentes e isso é percebido pelas crianças que, por mais de uma vez voltaram-se para trás como se procurassem a origem dos áudios dos diferentes personagens.

À medida que o tempo vai passando, é possível perceber que a concentração vai diminuindo, sendo retomada nos instantes finais que mobilizam a maioria das crianças. Ao final, as crianças aplaudem o filme. Antes do início da projeção, o técnico responsável pelos equipamentos (César) resolve ensinar a um pequeno grupo como funciona a montagem dos equipamentos de áudio e vídeo. Aproximo-me deles e passo a registrar os diálogos que se seguem:

César – Que cor é essa aqui?[referindo-se ao cabo de áudio]

Crianças – vermelho!

César – Então, vai sair daqui e entrar ali. (referindo-se as entradas de áudio e suas respectivas cores de identificação)

César – Amarelo é vídeo, vermelho é áudio. Vídeo é que cor?

Crianças - Amarelo!

César – Isso garotos!

César continua passando noções básicas enquanto conclui a montagem e o grupo, de aproximadamente dez crianças, parece bastante interessado no que acontece.

### 3.3

#### Vamos ao cinema!

**24.09.06****Alosha (RUS. Konstantin Bronzit, 2004)**

Alosha é um aspirante a herói, grandalhão e desajeitado. Quando seu vilarejo é ameaçado por bárbaros, ele vê a chance de finalmente ser admirado. Mas seu plano fracassa. Agora cabe a Alosha recuperar o ouro da cidade e a própria honra, com a ajuda de seu burrinho de estimação, seu velho tio, sua noiva, a avó dela e de um cavalo falante.

Após a “desastrosa” primeira sessão de cinema, a equipe organizou novas idas a salas de exibição. O primeiro filme dessa nova etapa foi o longa de animação intitulado “Alosha”.

Esta exibição era parte da programação do Festival do Rio 2006, que tem sessões específicas para o público infantil. Cerca de trinta crianças foram ao Estação Botafogo, em dois microônibus fretados pelo GRUPEM, para este fim.

Foram acompanhadas por membros da equipe de pesquisa e do Hospital. Ao contrário da primeira sessão, que havia sido organizada exclusivamente para elas, esta era uma sessão destinada a um conjunto grande de crianças, de diferentes escolas da cidade, na qual o filme foi dublado ao vivo, ou seja, os dubladores estavam presentes na sala de exibição e podiam ser vistos todo o tempo pelos expectadores. Enquanto esperavam na fila de entrada algumas crianças demonstraram muito interesse pelos cartazes expostos nas paredes da entrada do cinema.

Antes do início da sessão, monitores explicaram à platéia a técnica de dublagem ao vivo, fizeram referências ao enredo do filme que seria exibido e informaram que, antes do filme principal, assistiriam a um curta-metragem. Uma criança da platéia pergunta o que vinha a ser um curta e recebe a informação devida. Nossas crianças estiveram bastante atentas, todo o tempo, às explicações.

No início da exibição, dividiram a atenção entre a tela e os dubladores, posicionados no fundo da sala, mas, em poucos minutos, a dublagem foi incorporada como elemento da exibição e os olhares que se dirigiam ao fundo da sala tornam-se escassos. Ao final, avaliaram positivamente o filme.

**14.03.2007**

**Happy Feet – O pingüim (EUA. George Miller, 2006)**

Um jovem pinguim canta muito mal, o que é um desastre para a comunidade em que vive. Ele sabe sapatear muito bem, mas isto não é considerado importante.

A chegada ao Downtwon (conjunto de salas multiplex localizado na Barra da Tijuca) é cercada de um certo alvoroço. As crianças demonstram interesse por tudo que cerca o espaço. A audiência de hoje é composta basicamente por meninos.

Trata-se de uma sessão fechada, exclusiva para o nosso grupo. Logo que chegam à sala de exibição, é possível ouvir o seguinte comentário:

- Pô, maior telão!

Diante de um dos trailers que antecedem a sessão uma das crianças comenta:

- Esse filme é o que eu queria ver, que eu vi na TV!

Assim que o filme se inicia, as crianças acompanham a trilha sonora com palmas. Logo a seguir, uma criança explica como funciona o mecanismo de exibição a outra criança:

- Ta vindo dali (apontando para o alto onde se vê um fecho de luz) e tá indo para lá (apontando para a tela)

Numa das cenas do filme, ao se dar conta que um dos pingüins está falando uma língua que não é o português[espanhol], ouço a seguinte frase de um das crianças:

]

- Pingüins estrangeiros!

A essa altura, algumas crianças vão ao banheiro, sempre aos grupos, com muita empolgação, a ponto de rivalizar com o interesse pelo filme. É como se o banheiro fosse uma “atração à parte”.

Nos instantes finais do filme, diante da cena em que vários helicópteros surgem diante dos pingüins ouço a seguinte frase:

- Isso é desenho misturado com realidade.

**30.05.07****Deu a louca na chapeuzinho (EUA. George Miller, 2006)**

A tranquilidade da vida na floresta é quebrada pelo roubo de receitas. Os suspeitos: nada menos do que a Chapeuzinho Vermelho, o Lobo-Mau e a Vovozinha. Com cada um contando uma história diferente. Quem estará falando a verdade? Quem será o Bandido Guloso? A animação faz uma paródia do conto da Chapeuzinho Vermelho.

No trajeto de ida para o cinema, me impressiona o conhecimento que parte das crianças detinham sobre carros e motos de luxo. Ao longo do trajeto, eles vão apontando e descrevendo com riqueza de detalhes as concessionárias e os modelos de grandes marcas (BMW, Volvo, Crysler)

Quando nos aproximamos das torres que formam um complexo conhecido como Athaydeville, registro o seguinte diálogo entre dois garotos:

- Esses prédios são esquisitos...
- Parece aquela torre que tem na Itália
- Torre de Pisa
- É, Torre de Pisa

Agora, já estamos todos dentro da sala de exibição. Logo após o início da sessão, diante da primeira cena em que a protagonista (Chapeuzinho) aparece, ouço o seguinte comentário:

- É a docinho? [referência a uma das personagens do desenho animado Super Poderosas].

Um dos meninos (Lucas) fotografou diversas cenas ao longo do filme e, na saída, admirou-se com o display de propaganda de um outro filme a ponto de também fotografá-lo.

Ao final da exibição, houve palmas e comentários do tipo:

- Poxa, bonzão o filme!

Comparativamente à vez anterior, houve uma maior concentração das crianças durante a exibição. Mesmo assim, foram freqüentes as conversas e diálogos entre eles. O banheiro do cinema continua “rivalizando” com o filme exibido.

**20.06.07**

**O ano em que meus pais saíram de férias (BRA. Cao  
Hambúrguer, 2006)**

Mauro, um garoto de 12 anos apaixonado pelos jogos da seleção brasileira de futebol, vai morar na casa de seu avô, no bairro de Bom Retiro, em São Paulo, depois que seus pais são presos pela ditadura militar.



Foto 3 – Ida ao cinema

Logo no início do filme, diante da cena em que a mãe do protagonista espera, fumando, pelo pai do menino, ouço o seguinte comentário em tom de ironia:

- Olha a mãe puxando um baseado! (Alan)

É possível perceber que algumas crianças se esforçam para ler as legendas que indicam os lugares por onde o filme se desenvolve (ex: Belo Horizonte, São Paulo)

Numa das cenas do filme, surge a palavra de ordem “abaixo a ditadura”. Logo as crianças começam a repetir de forma alternada:

-Ditadura! Dentadura! Ditadura! Dentadura!

Nos momentos em que o filme reforça o sotaque judeu, as crianças se esforçam por tentar imitá-lo. Diante da cena em que o judeu que acolhe o menino diz que vai viajar e o menino pergunta pra onde, ouço a seguinte frase:

-Vai pra Israel!

Diante da cena em que o protagonista dança freneticamente ao som de Roberto Carlos, algumas crianças acompanham a música e reconhecem a voz de Roberto Carlos. Mais adiante, na cena em que a polícia, numa batida, invade o bairro da Liberdade, ouço os seguintes comentários:

- São os comunistas!
- É o pai dele!
- Acho que vão matar o Shom! [judeu que cuida do protagonista ao longo do filme]

Agora, o filme se aproxima de seu término. A final da Copa do Mundo de 1970 é o pano de fundo dos acontecimentos que se seguem. Diante de um gol marcado por Pelé, no jogo final contra a Itália, ouço o seguinte diálogo:

- Até os judeus torcem pro Brasil! [Alan]
  - Judeu é o quê?
- Logo a seguir surgem imagens aéreas do Estádio Azteca, no México. Segue-se o seguinte diálogo.
- Maracanã!
  - Maluco, isso aí é no México! [Alan]

Ao final da exibição, as crianças batem palmas. Algumas delas se detêm nos créditos, com destaque para Alan, que identifica a direção de Cao Hamburger.

### **03.08.07**

#### **Jogada decisiva (BELG. Jan Verheyen 2005)**

Jogada Decisiva mostra o garoto Gilles como um talentoso e apaixonado jogador de futebol. Seu pai, Bert, é seu maior fã e treinador. Bert sonha em transformar seu filho num grande craque, como Garrincha, seu ídolo, e ver o menino jogando no maior estádio da Bélgica, com a camisa dos Red Devils, seu time favorito. Mas algo inesperado acontece e Gilles tem que decidir sozinho o seu destino, fazendo escolhas e aprendendo que a vida é um jogo em que às vezes você ganha, quando perde

Por mais de uma vez, as crianças anteciparam o desfecho de uma determinada cena. O banheiro do cinema continua sendo uma atração à parte, porém com menor intensidade. Entre os exemplos de

antecipação ou interação com as cenas do filme destaco as seguintes:

Numa das cenas o menino que protagoniza o filme escreveu no calendário, em belga, a palavra teste. As primeiras letras da palavra coincidiam com a escrita em português. Então, um dos meninos se antecipa e diz:

- Teste, ele está marcando o dia do teste[de futebol]

Quando o protagonista leva a foto de seu pai para a avó de um colega de time tentar “contato” com o pai é possível ouvir:

- Macumba, ela é macumbeira!

Ao final do filme as crianças aplaudiram de pé. Uma das meninas presentes me diz na saída do cinema:

- Foi o melhor filme que eu já assisti na minha vida!

### 3.4

#### **“Me conta sobre os filmes?” Entre oficinas e dinâmicas**

Na maioria das vezes, as crianças chegavam aos poucos, umas dirigiam-se à copa anexa a sala onde acontecem as atividades para beber refresco ou água, outras ficavam brincando de correr pela sala, algumas lendo gibis, jogando dama ou brincando com um ou outro jogo de tabuleiro.

As menores circulavam entre as maiores observando o que faziam. Rosana [a psicóloga] costumava ficar circulando entre os diversos grupos, arbitrando questões e dúvidas das crianças, perguntando sobre os pais e sobre a escola<sup>6</sup>. Algumas crianças optavam por não brincar nos grupos, correndo, pulando e agitando o ambiente. Começávamos nossas atividades em geral às 14 horas, quando a maior parte das crianças já estava presente.

---

<sup>6</sup> Essa psicóloga, que desenvolvia um excelente trabalho junto às crianças, foi removida de suas funções quando houve alterações nos postos de direção do Hospital Curupaiti por ocasião do novo Governo do Estado que se estabeleceu a partir de janeiro de 2007. Em função disso, não foi mais possível contar com o apoio dessa psicóloga nas atividades que desenvolvemos com as crianças.

## **OFICINA “MUSEU DE IMAGENS”**

**31.08.2006 e 21.09.06**

Uma de nossas primeiras atividades com as crianças consistiu em fazer circular pela biblioteca uma caixa decorada com imagens relacionadas ao cinema e à televisão, no interior da qual havia perguntas relativas a filmes infantis, seriados e desenhos animados. Cada criança retirava uma pergunta que era lida, devendo ser respondida em seguida.

À medida que as perguntas iam surgindo, aquelas relacionadas aos seriados e desenhos animados eram rapidamente respondidas. Não raro, uma criança se antecipava àquela que deveria responder a pergunta sorteada. Nessa ocasião, tudo estava sendo gravado em vídeo e, apesar de anteriormente combinado com as crianças sobre a necessidade de que cada um falasse de uma vez, tal combinado foi solenemente ignorado e o que se ouvia era o somatório de muitas vozes, inviabilizando qualquer entendimento do que estava registrado em vídeo. Ao ouvir a pergunta sobre uma determinada produção audiovisual, uma das crianças grita:

- Rebelde!

Outras crianças respondem o mesmo. Surgem respostas tais como Scoobydoo e Malhação. A equipe do GRUPEM argumenta com as crianças sobre a pouca variedade das respostas para uma mesma pergunta. Porém, várias continuam dando as mesmas respostas, ao mesmo tempo. Após uma rodada de perguntas e respostas, já não é possível registrar ou produzir muita coisa. As crianças entram num ritmo que se ‘descola’ da dinâmica pretendida para aquela atividade. A equipe insiste com as crianças sobre a necessidade de se organizar as falas. Explicamos que tudo está sendo videogravado e que não era possível compreender o que se falava na gravação quando todos falavam ao mesmo tempo. Há, por parte das crianças, um vivo interesse em participar da atividade proposta, mas parece haver um desconhecimento generalizado quanto à lógica que preside

os registros audiovisuais. A excitação delas atinge níveis até então desconhecidos por nós, o que nos faz mudar um pouco a condução da atividade. Um outro integrante do GRUPEM assume a condução e obtém algum sucesso, no início. A seguir recomeça o clima de balbúrdia e decidimos encerrar a atividade.

Passamos a direcionar as perguntas individualmente e não mais para todo o grupo, mas isso não produziu mudança significativa no quadro anterior. Tentamos uma outra abordagem: dessa vez lançamos mão do formato expositivo, com um “clima de sala de aula”, pretendendo estimular e organizar as possíveis respostas. Dessa forma, obtivemos algum sucesso, porém igualmente momentâneo. Em seguida, a nosso pedido, as crianças começaram a relatar lembranças de filmes que haviam visto e conseguimos novamente alguma organização, o que também durou muito pouco. A partir daí, a psicóloga da instituição assumiu a direção da atividade e tentou convencer as crianças a participarem de forma um pouco mais organizada, enquanto os integrantes do GRUPEM dividiram-se na orientação das tarefas proposta às crianças de registrar por escrito as lembranças de filmes: o que mais gostaram, do que se lembravam, o que poderiam contar, etc.

Neste momento, fomos alertados pela psicóloga de que a maioria não estava alfabetizada, embora boa parte delas tivesse dez anos ou mais. Propusemos então que o registro fosse feito através de desenhos. Divididos em pequenos grupos, com o intuito de desenhar cenas dos filmes que haviam visto, as crianças acabaram por formar um ‘arquipélago’ onde, inicialmente, reinava a mais absoluta confusão.

Por fim, envolveram-se com a atividade e executaram o que foi combinado. Elas desenhavam e, às vezes, o desenho vinha acompanhado de algum registro escrito. Enquanto isso, cerca de dez crianças abandonaram, definitivamente, a atividade proposta e passaram a brincar do lado de fora da biblioteca e também a correr por entre as crianças que optaram por executar a tarefa ou, simplesmente, foram embora. Já próximo do horário de

encerramento [16h], ainda havia três grupos de crianças desenhando. Era hora do lanche que finaliza o dia. Uma menina teve que abandonar seu desenho diante da insistência da mãe que precisava ir embora. Enquanto isso, outra criança usava o sistema de avaliação adotado pela rede de ensino municipal do Rio atribuindo o conceito “B” ao filme cuja cena estava desenhando. Isso confundiu a psicóloga Rosana. Andréa, auxiliar da psicóloga, encarregada da manutenção e organização do espaço da biblioteca, informa:

- É 7,5 ou 8,0

No encontro seguinte, optamos por dividir o grupo em dois, evitando, assim, o ‘tumulto’ do último encontro. As crianças foram convidadas a montar um museu de imagens de filmes que guardavam na memória, isto é, a colocar em desenhos cenas de filmes que viram e das quais, por alguma razão, ainda se lembravam.

Duas crianças desenharam a mesma cena e, quando perguntadas se haviam visto o mesmo filme, afirmaram que “assistiram juntos”. Elas pareceram apreciar a atividade e a troca de opiniões e dicas, enquanto produziam seus registros, era intensa. Poucos fizeram da atividade uma tarefa individual, a maioria pediu ajuda para colocar textos nas ilustrações e a escrita da maioria delas revelava um precário domínio da linguagem escrita.

No início da atividade, explicamos às crianças que os desenhos deveriam ser colados em cartolinas coloridas. Elas pareceram apreciar muito a montagem dessa espécie de cartaz com os desenhos das cenas dos filmes que lembravam, pareciam ter gostado do resultado do trabalho, pois olhavam curiosas para seus cartazes.

Um dos meninos fez o texto para seus filmes usando letras tipo BOLD. É ele quem coloca os textos nos desenhos de outro menino. João chama seus desenhos de grafite e diz ter desenhado um videoclipe de música funk. Há movimento nesse desenho.

Lucas, 10 anos, me chama para mostrar seus desenhos e comenta as cenas registradas nos desenhos:

- Esse aqui é quando o Harry Potter enfrenta a cobra gigante!
- Esse aqui é quando ele está numa sala e uma máscara de pregos se fecha na cara dele e ele morre!
- Esse aqui [Quarteto Fantástico], é quando o filme acaba!
- Esse aqui [As branqueiras], é quando eles chegam no hotel.

A essa altura, já é possível perceber o mosaico que se forma a partir dos diversos desenhos colados nas cartolinas e expostos no chão. A atividade está chegando ao fim, pois são quase 16h. Mais uma vez, o menino Lucas me interpela para que eu veja suas produções. Seus desenhos apresentam boas relações de proporção e simetria. A possibilidade de contemplar o conjunto de produções realizadas não mobilizou a atenção da maioria das crianças.

## **26.10.2006**

Dessa vez, o GRUPEM propõe a atividade do dia, que consiste em escolher o curta-metragem de sua preferência e desenhar uma cena no papel. Essa atividade desenvolveu-se em função da exibição da série “Juro que vi”, constituída de um conjunto de curta-metragens cujo tema central é o folclore das regiões brasileiras. Após a exibição dos curta-metragens de animação da série Juro que vi, foi proposto às crianças que desenhassem uma história que pudesse parecer absurda, mas que, cada um, “Jurava que viu”. Muitas crianças resistem inicialmente a participar da atividade, alegando não conhecerem nenhuma história desse tipo; aos poucos, a maioria acaba participando. Um dos meninos dividiu a folha de papel em quadros e desenhou uma história na qual o pai aparecia sentado em uma poltrona vendo tevê quando uma cobra entra na casa e se aloja sob a poltrona. Ele salta de susto, mas enfrenta a cobra e a mata.

Em um dos quadrinhos, no meio da história, ele desenha a cobra, enorme, sozinha. Ao ser questionada se ela era de fato tão grande, respondeu:

- Não tia, é que aqui ela está vista bem de perto!”

Quando perguntados sobre o nome da série que reunia os vários curtas assistidos, somente uma criança [Alan] acertou.

### **23.11.2006**

Após a exibição, na biblioteca do Hospital, de “Couro de gato” e “Bilú e João”, foi proposto às crianças que produzissem registros sobre os filmes exibidos, procurando destacar as semelhanças e diferenças, por elas percebidas, entre os dois filmes. Motivadas a responder sobre o que tratavam os filmes elas produziram os seguintes registros em folhas de papel:

- Duas crianças catando papelão!
- Tinha um gato no filme!
- Tinha um homem!
- GRUPEM - E o que é que ele fazia?
- Era pobre!
- O menino roubou o gato da moça!
- GRUPEM - O menino era ladrão?

Diante dessa pergunta há hesitação em responder e a pergunta “morre”. Agora, seis crianças estão confeccionando desenhos relativos aos filmes. A maioria deles retratava “João e Bilú” na cena em que ambos são apanhados por um temporal nas ruas de SP. Enquanto isso, na sala ao lado, algumas crianças brincam com a filmadora. Orientados sobre as funções básicas e o modo de operação desse equipamento por membros do GRUPEM, eles passam a entrevistar outras crianças sobre os filmes exibidos hoje. Há forte resistência das outras crianças em dar respostas. Cíntia (doze anos) é quem maneja a câmera e sugere a seguinte pergunta à Marcela (nove anos) que faz o papel de repórter:

- Pergunta por que eles vendiam papelão[referência ao filme João e Bilú]

Nenhuma das crianças quis responder a essa e a outras perguntas, um dos meninos presentes (Lucas) chega a ensaiar uma resposta, mas desiste logo em seguida.

## OFICINA DE ANIMAÇÃO COM SOMBRAS

23.05.07

Essa oficina decorre da exibição de “Príncipes e princesas”. A idéia de produzir imagens em movimento a partir de sombras projetadas na parede surge do recorrente movimento de brincar com sombras diante da tela azul que surgia na parede no momento em que o projetor era ligado. Explicamos como funcionava o encadeamento das sombras que seriam fotografadas para formar uma imagem em movimento a partir das mesmas. A maioria das crianças assimilou razoavelmente bem a lógica de encadeamento dos personagens, considerando-se que se tratava de uma experiência inédita para todos os que ali estavam.

Com o auxílio dos adultos presentes as crianças desenharam e recortaram seus personagens. Em seguida foram orientadas por mim e por outros integrantes do GRUPEM sobre a importância de fixar as posições a cada fotografia tirada. Houve grande dificuldade na execução dessa etapa, já que as crianças geralmente colocavam o seu personagem em lugares distintos a pesar de minha insistência sobre isso.



Foto 4 – Oficina de animação com sombras

## OFICINA DE ANIMAÇÃO COM MASSA DE MODELAR

06.06.2007

Também aqui, a oficina surge após as crianças assistirem a curta-metragens que faziam uso da técnica de animação conhecida por STOP\_MOTION. Essa técnica consiste em fotografar os movimentos dos personagens modelados em massa para em seguida simular a impressão do movimento. A oficina pretendia apresentar-lhes os elementos básicos dessa técnica.

Nossa hipótese era a de que, ao aproximarmos as crianças de uma das técnicas de animação utilizadas pelo cinema, isso as motivaria a conhecer melhor a linguagem em questão.

Essa oficina contou com grande participação das crianças, todas, ou quase todas, interessadas em compreender aquele processo. Mesmo na etapa mais “árdua” do processo, em que era preciso movimentar com cuidado e paciência cada um dos personagens que compunham a cena fotografada, uma parte considerável das crianças continuou acompanhando e participando ativamente.



Figura 5 – Oficina de animação com massa de modelar